



# **IMAGENS INTERVENCIONADAS: memória e espectorialidade<sup>1</sup>**

## **INTERVENTED IMAGES: memory and spectatorship**

Denize Correa Araujo<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa objetiva analisar “imagens intervencionadas”, resultantes do conceito de “estética da hipervenção”, que oportunizam um caminho para suas memórias, desde suas versões-fontes, assim como uma trajetória que deve ser reconhecida pelo espectador-repertorial. Há quatro clusters de “imagens intervencionadas”. O primeiro analisa as extensões da máxima “Penso, logo, existo”. O segundo se refere às apropriações da imagem-fonte da *Mona Lisa*, que tem sido atualizada de diversas maneiras. O terceiro é sobre as imagens enquadradas do filme *Aqui*, que usam IA para rejuvenescer o protagonista. O quarto é sobre imagens do filme *Megalopolis*, que implicitamente homenageia Jaime Lerner. O conceito de “estética da hipervenção” reúne “hiper” como hiperrealidade de Baudrillard, e “venção” como intervenção. A memória tem como referenciais teóricos Halbwachs e Gadamer, a tecnologia IA inclui referencial de Santaella e a espectorialidade conta com o conceito de “espectador-repertorial”.

**Palavras-Chave:** “Imagens Intervencionadas”. Memória. “Espectador-repertorial”.

**Abstract:** This research aims to analyze “interventioned images”, resulting from the concept of “aesthetics of hypervention”, which provide a path from their source versions, as well as a trajectory that must be recognized by a repertorial-spectator. There are four clusters of “interventioned images”. The first analyzes the extensions of the concept “I think, therefore I am”. The second refers to the appropriations of the source image of *Mona Lisa*, which has been updated in various ways. The third is about the framed images from the film *Here*, which use AI to rejuvenate the protagonist. The fourth is about images from the film *Megalopolis* that implicitly pay homage to Jaime Lerner. The concept of “aesthetics of hypervention” brings together “hyper” as Baudrillard’s hyperreality, and “vention” as intervention. Memory has Halbwachs and Gadamer as its theoretical references, AI technology includes Santaella’s references, and spectatorship relies on the concept of “repertorial-spectator”.

**Keywords:** Interventioned Images”. Memory. “Repertorial-spectator”.

### **1. Introdução**

A pesquisa intitulada “Imagens Intervencionadas: memória e espectorialidade” visa refletir sobre imagens midiáticas, criando uma conexão com o GT Imagens e Imaginários Mídiáticos/Compós. O objetivo principal do texto é comprovar a relevância de imagens que

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagens e Imaginários Mídiáticos.34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Denize Correa Araujo, UTP – Universidade Tuiuti do Paraná, PhD e Pós-Doutora. E-mail: denizearaus@hotmai.com.

proporcionam atualizações em seus formatos, sugerindo leituras contemporâneas, além de ressaltar a importância da memória, que deve ser de conhecimento do “espectador-repertorial”. Este conceito, cunhado por mim, se refere ao repertório que o espectador terá que possuir para entender as estratégias das imagens selecionadas para o *corpus* deste trabalho.

O *corpus* do texto é formado por imagens intervençãoadas, ou seja, integradas à “estética da hipervenção”, conceito que cunhei, sendo “hiper” parte da hiperrealidade de Jean Baudrillard e “venção” no sentido de “intervenção”. Assim, imagens intervençãoadas são imagens duplamente relevantes, com intervenções que as renovam, proporcionando um retorno às imagens-fontes, evocando uma memória seletiva por parte do espectador e, ao mesmo tempo, incentivando-o a reconhecer os acessórios midiáticos contemporâneos que complementam suas fontes. Meu conceito de “estética da hipervenção” teve seu início na intertextualidade de Julia Kristeva, que expandiu o conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin, levando-o do uso interno dentro do mesmo texto ao aspecto intertextual, com inserções de um texto a outro.

Kristeva sugere que:

todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (KRISTEVA, 2005, p. 68).

Contudo, a passagem do intertexto ao hipertexto suscita novos referenciais teóricos e terminologias adequadas ao estudo das inovações tecnológicas. Meu objetivo é incentivar uma reflexão sobre a hibridação de estéticas que conduz à noção de hiperrealidade de Baudrillard, não no sentido pessimista que muitas vezes caracteriza as descrições do autor, mas no sentido de um novo cenário com inserções que levam o espectador a reler imagens que antes habitavam seu imaginário. Além disso, há o poder da memória, que produz reflexões para tentar criar conexões entre o passado e o presente das imagens, baseado em suas referências. Maurice Halbwachs, em seu livro sobre memória coletiva, enfatiza o papel relevante da memória:

A lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada... é uma imagem engajada em outras imagens. (HALBWACHS, 2004, pp. 75-78)

Na presente pesquisa, a memória é importante para que o espectador possa reviver as imagens e entender o processo das inserções que vão transformá-las em representações atualizadas.

Aqui apresentamos quatro clusters, sendo que o primeiro se refere à famosa máxima “Penso, logo, existo”, do filósofo francês René Descartes (1596-1650), que já foi reutilizada muitas vezes, tornando-se invertida, como em “Existo, logo penso”, e alterada em “Penso logo desisto”. O espectador-repertorial deve conhecer a frase-fonte para poder assimilar as que se seguiram. O segundo cluster analisa as diversas inserções na imagem-fonte da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, pintada a óleo sobre madeira entre 1503 e 1506, que está exposta no Louvre de Paris. Aqui faço um comentário que é pertinente para contextualizar o papel do espectador. No ano passado, 2024, durante as Olimpíadas de Paris, dois incidentes foram relatados, deixando visível a ignorância de quem iniciou um debate sobre as imagens. Uma das reclamações foi sobre a associação do quadro “A Última Ceia de Cristo”, considerada desrespeitosa aos católicos, quando na verdade a imagem era dos deuses pagãos do Olimpo, referenciando a memória das Olimpíadas. A outra disputa foi sobre a passagem dos Minions levando o quadro da Mona Lisa para o Rio Sena, com o objetivo de acompanhar os atletas. Uma das reclamações foi que o quadro da Mona Lisa ficaria inutilizado, quando evidentemente a cena era ficcional. Outro protesto foi de um espectador que afirmou que o quadro estava no Louvre, dizendo que havia ido lá se certificar, e estava bastante insatisfeito pela “mentira” que estava sendo publicada. Por estas passagens, podemos realmente constatar que há muitos espectadores que estão bem longe de poderem ser intitulados de “repertoriais”.

O terceiro cluster, talvez o mais conturbado pelas opiniões adversas, negativas e positivas, se refere às imagens enquadradas do filme *Aqui (Here*, 2024, Robert Zemeckis), especificamente à imagem em IA do ator Tom Hanks, atualmente com 68 anos, interpretando o personagem central, desde a época de sua juventude até sua idade bem mais avançada. O filme, baseado na *graphic novel* homônima de Richard McGuire, acompanha diversas famílias ao longo de gerações, sendo uma jornada que percorre um amplo caminho, desde o passado mais distante até um futuro próximo, durante 104 minutos, com a câmera fixa em um ponto, sem nunca se mover, e com imagens enquadradas que devem ser identificadas pelo “espectador-repertorial”.

O aspecto mais controvertido do filme é o uso da IA para rejuvenescer o ator principal. Lucia Santaella, em seu texto sobre IA na Revista Semeiosis, cita que “a IA generativa de

imagens no campo da produção criativa está trazendo de volta, sob novas roupagens, questões estéticas, em especial tecno-estéticas, relativas à autoria, criatividade, originalidade e autonomia”<sup>3</sup>.

O quarto cluster se refere ao filme *Megalopolis* (2024), de Francis Ford Coppola, que estreou recentemente e teve comentários negativos de críticos que não perceberam a homenagem implícita ao ex-prefeito de Curitiba e ex-governador do Paraná, que foi a inspiração ao personagem César Catalina, urbanista com ideais elevados, interpretado por Adam Driver. O cineasta Coppola relatou: “Curitiba me ajudou a imaginar como seria um mundo ideal, onde um novo tipo de cidade pudesse existir... Curitiba representa o protótipo do que fiz com *Megalopolis*”, referindo-se às soluções urbanas inovadoras (MOSER, Fringe, 28/10/2024).

Os segmentos que se seguem apresentam as imagens aqui denominadas de “intervencionadas” em relação às suas contribuições ao evocar imagens-fontes e ao atualizá-las, exercitando a memória e a atual fase na qual as tecnologias de inovação desafiam os espectadores, exigindo que sejam “repertoriais” para compreender o elo passado-presente.

## 2. CLUSTER 1

Este cluster se refere às intervenções à famosa frase icônica de René Descartes “Penso logo existo” (cogito, ergo sum), publicada originalmente no livro **O discurso do método**, de 1637. Descartes, fundador da filosofia moderna, definiu o que seria o conhecimento absoluto. O método cartesiano, baseado no princípio da dúvida e da análise criteriosa do objeto de estudo pode explicar o “Penso, logo desisto” (FIG. 1), caso o repertório do espectador tenha conhecimento da origem e das subsequentes intervenções.

<sup>3</sup>Disponível em  
<<https://firebasestorage.googleapis.com/v0/b/semeiosis.appspot.com/o/o7wFgOjUOLh8woRzVWwD%2F10.53987-2178-5368-2023-12-09-1702820938.pdf?alt=media>> Acesso em 20 de fev. de 2025.



FIGURA 1 – Representação Método Cartesiano.

FONTE – <https://www.ticomunicacoes.com/blog/meditacao/penso-logo-desisto/>

“Pensar é uma das maiores causas de sofrimento da Humanidade. Tira você da única realidade que existe; tira você do aqui e do agora. Fique aqui. Fique no agora. Viva no presente”<sup>4</sup>. Estas imagens têm um caráter filosófico, considerando que reproduzem a frase-fonte, logo seguida pela intervenção de Friedrich Nietzsche e pela meditação e solução: “Viva no presente”. Enquanto Descartes pensa na dúvida, Nietzsche acredita que a existência é a condição prévia para o pensamento. Contudo, há uma intervenção artística que remete a outra mídia, executada pela artista Barbara Kruger, cuja imagem da obra segue abaixo (FIG. 2).



FIGURA 2 – Intervenção artística Barbara Kruger (1987/2019).

FONTE – Vídeo de canal único em painel de LED, som, 57 seg, 350,1 x 351,1 cm (137 7:8 x 138 1/4 polegadas), vista da instalação, cortesia de David Zwirner.

<sup>4</sup>Disponível em <<https://www.ticomunicacoes.com/blog/meditacao/penso-logo-desisto/>> Acesso em 20 de fev. de 2025.

*I Shop Therefore I Am* (1987), da artista e designer Barbara Kruger, é uma obra de arte icônica, sendo reproduzida em itens como sacolas de compras e outros produtos de consumo, como camisetas. De acordo com Ramsey e Gallagher, Kruger tenta sugerir com “Compro, logo existo”,

[...] que o público não é mais definido pelo que pensa, mas sim pelo que possui. Durante a década de 1980, a sociedade testemunhou o “potencial econômico dos trabalhadores e da ampliação dos mercados, ampliando a disponibilidade de crédito e estimulando a propriedade de imóveis e a propriedade compartilhada”, uma mudança que impactou seriamente a forma como as pessoas consumiam... Barbara Kruger expressa suas preocupações com essa arte de que a sociedade se afastou muito dos fundamentos; de alguma forma, ela se transformou em uma *sociedade plástica*. De acordo com ela, a sociedade moderna está cheia de pessoas que se concentram em “o que têm em vez de quem são”. Com leve humor, e usando um sutil jogo de palavras relacionadas à declaração de Descartes, a artista usa esta obra de arte para questionar a importância de ter posse material (Public Delivery, 2024, online).<sup>5</sup>

Considerando que um dos objetivos relevantes desta pesquisa é o papel do espectador, acredito que o repertório mínimo para uma compreensão das imagens acima é o conhecimento da razão de René Descartes ter chegado à frase “Penso logo existo”, que estimulou as outras citadas.

Tentando conectar dois clusters, sugiro que a mensagem de Barbara Kruger em “Compro, logo existo” pode se conectar com o Cluster 2, que também contém imagens que remetem ao consumismo ou, ao menos, à publicidade de produtos midiáticos cujas intervenções atualizam as imagens-fontes do quadro da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, que é uma das imagens mais intertextualizadas do mundo, incluindo imagens de 10.062 fotografias no Museu Domus-Casa Del Hombre, em Coruña.

### 3. CLUSTER 2

Este cluster traz as “imagens intervencionadas” de Mona Lisa em seus diversos cenários, alguns facilmente identificados (primeira linha abaixo) e outros que exigem um espectador que consiga identificar a Mona Lisa – Botero, a Mona Lisa – Duchamp, a Gioconda Sapiens e a Mona Lisa com pipa, de Arthur Spacek (FIG. 3).

<sup>5</sup>Disponível em <<https://publicdelivery.org/barbara-kruger-i-shop/>> Acesso em 20 de fev. de 2025.



FIGURA 3 – Imagens intervencionadas do quadro Mona Lisa.  
FONTE – Mix criado pela autora com imagens da internet.

Esta série de imagens da Mona Lisa reflete a relevância da imagem-fonte de Leonardo da Vinci em 1.503, atualmente no Louvre de Paris desde 1797. De acordo com o Guinness World Record, Mona Lisa é o quadro mais valioso do mundo, avaliado em US\$100 milhões em 1962, equivalente a \$1 bilhão em 2023. A imagem da Mona Lisa foi e tem sido inspiração para diversos artistas. Segundo Érika de Moraes, em seu artigo de 2013 “Mona Lisa: sentidos múltiplos de um sorriso enigmático” no Scielo:

Podemos, então, entender que, mais do que uma intertextualidade, as diversas representações de Mona Lisa fazem circular uma interdiscursividade. Certos discursos, como o sobre o aspecto enigmático da expressão humana, materializam-se nessa dispersão de textos que são as releituras do quadro de Da Vinci, as quais vão das obras de pintores famosos, clássicos e modernos, às atividades escolares das crianças. (MORAES, 2013, s/p).

Para esta pesquisa, o valor da memória é de vital importância. Assim, selecionei algumas “imagens intervencionadas” que podem conduzir o espectador a entender a trajetória da Mona Lisa em seus novos cenários. Segundo Gaston Bachelard,

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Qualquer grande imagem tem um fundo onírico inondável e é sobre esse que o passado pessoal põe cores particulares. (BACHELARD, 1993, p.50)

Para este cluster, selecionei imagens que exigem o “espectador-repertorial”. Embora alguns cenários sejam de fácil reconhecimento, como as da linha de cima, as imagens de

Botero, Duchamp, Gioconda Sapiens e Arthur Spacek exigem repertório e conhecimento do passado.

A imagem de Fernando Botero, “Mona Lisa Age Twelve” foi produzida em 1978 e está no Museu Botero de Bogotá na Colômbia. Seu estilo próprio, ou seja, suas figuras redondas, são um reflexo de sua crítica social à ganância humana, porém nesta imagem aqui reproduzida há uma inserção, uma latinha de Nutella, que pode levar a uma interpretação errônea de que as figuras redondas representam pessoas gordas, o que não é o caso em relação às imagens de Fernando Botero. Assim, nesta imagem, o espectador deve ter o conhecimento necessário para decifrar ambas as conotações, o “boterismo” e a inserção da Nutella.

A segunda imagem pertence a Marcel Duchamp. L.H.O.O.Q. O *objet trouvé* ("objeto encontrado"), de 1919, é um cartão postal que reproduz a obra da Mona Lisa na qual Duchamp desenhou um bigode e um cavanhaque em lápis e atribuiu o título. Os autores Renan Battisti Archer e Consuelo Alcioni Schlichta, no artigo intitulado L.H.O.O.Q. explicam o estatuto de arte explorado por Marcel Duchamp, de 25 de dezembro de 2016:

Duchamp se recusava a criar obras que atraíssem o público visualmente, já que sua intenção era conectar a arte com a intelectualidade. Ele criava as obras não apenas pensando no visual da obra quando finalizada, mas na ideia que ela transmitia. A obra, além de uma releitura, tem intenção de tirar a Mona Lisa dos eixos da academia e da tradição, e criticar o consumo da própria arte (ARCHER&SCHLICHTA, 2016, p. 16).

Assim como Botero, que com seu “boterismo” critica a ganância humana, Duchamp, mais conhecido pelo seu trabalho “Fonte”, critica o consumismo, inserindo detalhes na Mona Lisa que desafiam o espectador.

A terceira imagem é a “Gioconda Sapiens” uma recriação do quadro de Leonardo da Vinci realizada com fotografias de 10.062 pessoas de 110 países, que se encontra em La Coruña, no Museu Domus, Casa Del Hombre. A Casa do Homem é um museu cultural científico erguido no Passeio Marítimo de Riazor da cidade da Corunha, na Comunidade Autónoma da Galiza. É o primeiro museu interativo que trata de uma forma global e monográfica o ser humano, tendo sido inaugurado a 7 de abril de 1995. Situado em um edifício concebido pelo arquiteto japonês Arata Isozaki, este museu foi pensado para atrair o visitante estimulando seu conhecimento. Através das diferentes exposições descobrem-se as diferentes características da espécie humana, como podem ser o Eu (a identidade), Nós (a demografia), os Sentidos, o Coração, o Sistema Motor, o Cérebro, as Habilidades ou a Linguagem. Neste

cenário, pouco conhecido pela maioria de espectadores, a recriação da imagem da Mona Lisa ganha um impacto relevante, exigindo o “espectador repertorial” com leitura e conhecimento.

A quarta imagem, Mona Lisa com pipa, é de autoria de Arthur Spacek, pseudônimo pelo qual o ilustrador e performer francês Eugène Bataille ficou conhecido. Reconhecidamente excêntrico, Spacek produziu, em 1883, no segundo show dos Incoerentes, uma Mona Lisa em perto e branco, fumando um cachimbo. Seu trabalho foi considerado vanguardista de movimentos como o dadaísmo e o surrealismo. *Os Incoerentes* (LesArtsIncohérents) foi um movimento artístico francês de curta duração fundado em 1882 pelo escritor e editor parisiense Jules Lévy, que antecipou muitas das técnicas artísticas e atitudes satíricas comumente atribuídas a movimentos artísticos de vanguarda posteriores. Sua obra, de 1883 pode ter incentivado a criação da imagem realizada por Marcel Duchamp em 1919<sup>6</sup>.

#### 4. CLUSTER 3

O Cluster 3 se refere ao uso da IA- Inteligência Artificial em imagens e tem início com a seguinte informação (abaixo), que faz uma ligação entre o Cluster 2 e o Cluster 3, exibindo a imagem da Mona Lisa com tecnologia de IA, publicada na Epoca Negócios Globo em 2023, que explicita: “Uma imagem recentemente se tornou viral ao retratar uma rara fotografia de Mona Lisa e Leonardo da Vinci tirada em Florença em 1504”. Gerada por inteligência artificial, a foto chegou a confundir usuários da internet, e levantou suspeitas se seria real ou não (FIG. 4).<sup>7</sup>

<sup>6</sup>Disponível em <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/122107-6-curiosas-versoes-alternativas-do-quadro-da-mona-lisa.htm>> Acesso de 20 de fev. de 2025.

<sup>7</sup>Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2023/11/ia-cria-fotografia-de-da-vinci-e-mona-lisa-nos-anos-1500.ghtml>> Acesso em 20 de fev. de 2025.



FIGURA 4 – Imagem gerada em IA.

FONTE - <https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2023/11/ia-cria-fotografia-de-da-vinci-e-mona-lisa-nos-anos-1500.ghtml>

A tecnologia IA tem gerado controvérsias em suas imagens e em seus usos em diversos segmentos. Neste cluster, a análise recai sobre as imagens em IA do filme *Aqui* (EUA, 2024), de Robert Zemeckis, no sentido de registrar os dois lados da questão que se referem à IA. O filme mostra Tom Hanks, o ator-protagonista, que atualmente tem 68 anos, em versão bem mais jovem, iniciando em torno de 20 anos, ao retratar seu personagem (FIG 5) e ao seguir sua trajetória como protagonista principal. Uma das críticas mais contundentes foi a de Lisa Kudrow, protagonista de Phoebe, personagem do seriado *Friends*, que se posicionou ao argumentar que a IA está entrando no lugar dos atores. Segundo a atriz, o filme confirma e aceita o uso de IA endossando o rejuvenescimento do ator: “Me souvi como um endosso à IA. Não é como se isso fosse arruinar tudo, mas o que vai restar? Esqueça atores consagrados, e os atores em ascensão? Os estúdios vão apenas licenciar e reciclar? Que trabalho haverá para os seres humanos?”.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>Disponível em <<https://maringapr.com.br/lisa-kudrow-critica-uso-de-inteligencia-artificial-em-filme-de-hanks/>> Acesso em 20 de fev. de 2025.



FIGURA 5 – Tom Hanks rejuvenescido por IA.

FONTE – Imagem da Internet

Por outro lado, temos as declarações de Tom Hanks. O ator defendeu o uso da tecnologia de rejuvenescimento digital no filme *Aqui*, acreditando que a tecnologia possibilitou que o elenco parecesse mais jovem ao interpretar fases distintas da vida: “É uma ferramenta incrível porque o supercomputador elimina a necessidade de esperar pela pós-produção para realizar o trabalho técnico de visualização”, explicou o ator à revista Radio Times (cnnbrasil.com.br). Para o ator, a evolução das ferramentas de inteligência artificial não é um problema. Em março de 2025, o ator disse que seu trabalho poderia continuar mesmo após sua morte. “Qualquer um pode se recriar em qualquer idade que tenha...Posso ser atingido por um ônibus amanhã e ainda vou aparecer em filmes”, o vencedor do Oscar declarou, defendendo que os espectadores não vão se importar se a performance na tela é feita pelo próprio ator ou por recurso computadorizado.<sup>9</sup>

Em 2022, em seu livro *Neo-Humano A 7ª Revolução Cognitiva do Sapiens*, da Editora Paulus, a pesquisadora Lucia Santaella declarou:

Podemos afirmar que a inteligência artificial veio para ficar, crescer e se multiplicar. Atualmente, o que pensávamos ser um ser humano está em questionamento. O que é a mente humana quando vai para um aparelho? O que é hoje o corpo diante de tantas tecnologias como os chips e o GPS? O que somos nós humanos, o que sobrou de nós, do que pensávamos que éramos, agora que nos tornamos híbridos entre o carbono e o silício? (SANTAELLA, 2022, s/p).

Em 2023, Santaella, em seu artigo “A expansão da inteligência humana” na Revista da Univ. Federal de Minas Gerais, analisa imparcialmente e bilateralmente os argumentos prós e contras em relação à IA- Inteligência Artificial. A autora demonstra um conhecimento profundo sobre o tema e chega a conclusões extremamente bem elaboradas:

<sup>9</sup>Disponível em <<https://www.omelete.com.br/filmes/tom-hanks-inteligencias-artificiais-legado>> Acesso em 20 de fev. de 2025.

Se continuarmos a pensar a relação entre humano e IA, de modo opositivo, a partir de valores herdados do Iluminismo (sujeito, individualismo, intencionalidade, livre-arbítrio etc.), ou seja, valores que engordam o egocentrismo e que foram demolidos pela filosofia da desconfiança (Foucault, Deleuze, Derrida, Lyotard, que infelizmente tão poucos leram), nossa compreensão da IA ficará presa ao imbróglio sensacionalista (para o bem da mídia) em que nos encontramos (SANTAELLA, 2023, p. 19).

Santaella conclui sugerindo que:

Na verdade, do confronto entre IA e inteligência humana, origina-se um paradoxo: o que é difícil para o humano, a IA faz, o que é difícil para a IA, o humano faz. Na realidade são dois tipos distintos de inteligência e, por serem distintos, por mais que a inteligência humana possa ou não nos orgulhar, isso não permite que se negue a potencialidade cognitiva e a expressão da inteligência na IA, sem negar que há características e propriedades que funcionam como entraves para que ambas possam se igualar. O que se pode concluir com Lecun (2018, p.133) é que os sistemas de IA irão amplificar a inteligência humana do mesmo modo que as máquinas mecânicas foram uma amplificação da força física. Não serão uma substituição. Em suma, devemos prever um futuro em que sistemas computacionais terão habilidades complementares às humanas, funcionando muito mais como uma inteligência aumentada na união de dois tipos de inteligência distintos (SANTAELLA, 2023, p.436).

Outros textos relevantes também explicitam seus pontos de vista que interagem com as considerações de Santaella. Os autores Jefferson Santos, Paulo Boa Sorte e Emanuelle Barros, no artigo *Artificial intelligence in movies: the potential for critical linguistic education no Journal of Research and Knowledge Spreading*, concluem que:

[...] o entrecorte da inteligência artificial, em nosso cotidiano, enfatizado e dramatizado por obras cinematográficas há muito tempo, pode contribuir com a expansão e com a possibilidade de uma educação linguística crítica, informante de trilhas em solos instáveis, inevitavelmente direcionados por dispositivos móveis conectados à internet cuja modulação algorítmica precisa dar conta dos filtros, bolhas, feeds e multiplataformas que desafiam as mídias ditas tradicionais (SANTOS, BOA SORTE, BARROS, 2022, p. 10).

Os autores Stuart Russell e Peter Norvig, em seu texto *Artificial Intelligence: a modern approach*, de 2021, mencionam e argumentam que a inteligência artificial é um campo do saber científico que nos proporciona compreender elementos essenciais e complexos da mente humana:

Denominamos nossa espécie *Homo sapiens* — homem sábio — porque nossa inteligência é tão importante para nós. Durante milhares de anos, procuramos entender como pensamos, isto é, como um mero punhado de matéria pode perceber, compreender, prever e manipular um mundo muito maior e mais complicado que ela própria. O campo da inteligência artificial, ou IA, vai ainda mais além: ele tenta não apenas compreender, mas construir entidades inteligentes. (RUSSELL & NORVIG, 2021, p.15)

Considerando que nesta pesquisa o objetivo é analisar o papel do espectador em cenários de “imagens intervencionadas”, podemos considerar os aspectos relevantes do filme *Aqui* (FIG. 6), que é uma adaptação da *graphic novel* homônima de Richard McGuire, que narra os acontecimentos em um único cenário, ou seja, a sala de uma casa, de onde os espectadores podem acompanhar os fatos desde a criação do mundo, a vida dos dinossauros e do povo indígena, até a guerra da independência americana, o desenvolvimento industrial, a pandemia da Covid-19, entre outros eventos. Da janela da sala dá para ver um imóvel colonial que pertenceu a William Franklin, filho de Benjamin Franklin, que foi um dos grandes líderes da Revolução Americana. Assim, a casa guarda memórias de diversas gerações. Além disso, o filme apresenta enquadramentos de imagens relevantes ao cenário onde os acontecimentos se sucedem.



FIGURA 6 – Pôster de *Aqui*  
FONTE – Divulgação Internet

Esta imagem acima reúne momentos que vão desde o início da participação do casal protagonista até sua idade mais avançada. É um filme que incentiva a memória, possibilitando o conhecimento de diversos momentos relevantes na história americana. Maurice Halbwachs, em seu livro *A Memória Coletiva*, destaca que “por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um

período se distinga de outros” (HALBWACHS, 1990, p. 60). No filme *Aqui*, a história e a memória do passado compartilham os mesmos cenários, e os protagonistas revelam aos espectadores momentos históricos de memória coletiva, evidenciando o que Hans-Georg Gadamer denomina de “fusão de horizontes”: “De fato o horizonte do presente está sendo continuamente formado... Uma parte importante desse teste é o encontro com o passado e a compreensão da tradição de onde viemos... O entendimento, então, é sempre a fusão desses horizontes” (GADAMER, 1999, p.273). As cenas que se seguem foram retiradas do filme pela autora Denize Araujo (FIG. 7, 8 e 9).



FIGURA 7 – Cena do filme *Aqui*  
FONTE – Print da autora.

A figura 7, acima, expõe algumas imagens enquadradas do filme *Aqui*, enfatizando certas cenas no cenário da sala da casa, além de uma imagem enquadrada sobre os indígenas americanos. A figura 8, abaixo, retrata o personagem principal, enquadrado na sala e pintando cenas mostradas no filme. Depois de outras atividades, o protagonista volta a se dedicar às suas pinturas em quadros, que também conversam com as imagens enquadradas que definem a montagem do filme. As imagens aqui selecionadas são definidas, nesta pesquisa, como “imagens interventadas”, considerando a montagem das mesmas, ou seja, o enquadramento de imagens em cenários com intervenções.



FIGURA 8 – Cena do filme *Aqui*  
FONTE – Print da autora.



FIGURA 9 – Cena do filme *Aqui*  
FONTE – Print da autora.

A figura 9, acima, enquadra o ator Tom Hanks na sala, cenário único do filme, que expõe diversos períodos dos moradores e visitantes.



FIGURA 10 – Cena do filme *Aqui*.

FONTE – Print da autora.

Na figura 10, o ator já está com mais idade, na mesma sala onde passou sua vida. O enquadramento mostra uma festa de família. O filme retrata acontecimentos importantes na cultura americana, desde a criação do mundo até o futuro próximo, incluindo a Covid 19.

As inovações mais relevantes de Zemeckis estão na montagem dos frames, posicionadas para incluir os personagens nas intersecções históricas e na maneira criativa da câmera imóvel focada na sala de estar da casa construída no período colonial dos EUA. A direção de arte usa efeitos digitais, incluindo IA, para os atores e para a remodelação da sala, que acompanha a trajetória das cenas.

As imagens enquadradas identificam os momentos mais relevantes e as reações dos personagens em relação à passagem do tempo. A família do personagem de Tom Hanks é acompanhada desde a juventude do mesmo, incluindo o casamento, os problemas normais do relacionamento, a separação e a volta. A última cena do filme retrata o casal em idade avançada recordando os momentos passados naquela sala.

Os espectadores também devem acompanhar o desenrolar das imagens, que exigem um repertório em relação aos períodos abordados no filme. A memória é necessária, assim como o conhecimento da civilização americana em seus períodos mais relevantes. Em homenagem às imagens selecionadas e aos seus criadores, segue a epígrafe de Pierre Nora, retirada de seu livro *Entre memória e História*, que considerei apropriada, não só pela criatividade, pelo mergulho cultural na memória coletiva:

A história, enquanto representação do passado, se atrela a continuidades e descontinuidades temporais, sendo, pois, uma operação intelectual que demanda análise e discurso crítico. A memória, afetiva e mágica, emerge de um grupo que ela une, é múltipla, acelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993, p. 9).

A citação acima corrobora com esta pesquisa, no sentido de mencionar o passado em suas continuidades temporais, que é um dos objetivos desta análise e também ao mencionar a memória afetiva e mágica que descreve as imagens aqui descritas.

## 5. CLUSTER 4

Este cluster analisa o filme *Megalopolis* (2024), de Francis Ford Coppola, e está direcionado ao tema da espectatorialidade. Alguns críticos publicaram resenhas negativas, sem saber as razões das escolhas do diretor, que anunciou sua inspiração especialmente para a montagem do personagem principal, Cesar Catilina e para Roma em sua nova versão. Coppola visitou Curitiba em 2003, quando conheceu as inovações da cidade executadas por Jaime Lerner. Em sua vinda de 2024, foi convidado ao Instituto Jaime Lerner, agora coordenado por Ilana Lerner.



FIGURA 11 – Registro do encontro com Francis Ford Coppola.  
FONTE – Registro pessoal.



FIGURA 12 – Manchetes sobre o filme *Megalópolis*.  
FONTE – Prints de imagens da internet.

Durante uma entrevista em setembro de 2024, o cineasta Francis Ford Coppola explicou que conhecer Jaime Lerner, ex-governador do Paraná (1995-2003), o inspirou a desenvolver Cesar Catilina, o protagonista de *Megalópolis*. O personagem, vivido por Adam Driver, é um urbanista com uma visão utópica para a cidade ficcional de Nova Roma.

Coppola esteve em Curitiba em 2003, quando conheceu Jaime Lerner. Em 2 de agosto, a meu convite, deu uma palestra aos alunos da Pós-graduação em Cinema que coordeno. Esses alunos e todos que acompanharam as jornadas de Coppola em Curitiba poderiam ser o que denominei de espectadores-repertoriais. Neste caso específico, a informação no filme é bem implícita, só favorecendo os condecorados da inspiração do filme *Megalópolis* e os que acompanharam suas visitas, em 2003, quando conheceu Jaime Lerner, e em 2024, quando o cineasta deu uma palestra no Teatro Guaira, a meu convite, foi homenageado no Palácio Iguaçu pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, foi convidado ao Instituto Jaime Lerner e fez a abertura de seu filme no Cine-Passeio, onde agora há uma placa em sua homenagem.

## 6. CONCLUSÃO

Depois da análise das “imagens intervencionadas”, objetivo principal desta pesquisa, conclui-se que as memórias e as trajetórias das mesmas foram expostas em suas imagens-fontes do *corpus* desta pesquisa. A denominação de “imagens intervencionadas” tem origem em meu conceito de “estética da hipervenção”, ou seja, “hiper” no sentido de hiperrealidade de Baudrillard e “venção” no sentido de intervenção. O lugar relevante da memória também foi analisado, considerando que as imagens de hoje concentram em si mesmas as imagens do passado, agora intervencionadas, criando uma hiperrealidade, aqui considerada em quatro clusters. A espectatorialidade também foi analisada como um dos objetivos principais, considerando o conhecimento do espectador, que deve ter um repertório capaz de entender as nuances de cada imagem, em algumas mais explícitas e de fácil identificação, em outras exigindo um repertório sobre o tema selecionado. O Cluster 1, de caráter filosófico, exige um conhecimento mais aprofundado. O Cluster 2, de caráter artístico, sobre as imagens da Mona Lisa, traz quatro imagens de fácil entendimento e outras quatro que requerem conhecimento anterior para pode explicar os conceitos que embasam as intervenções na imagem-fonte de Leonardo da Vinci. O Cluster 3 é de caráter tecnológico, sobre o recente filme *Aqui* (2024), que tem provocado controvérsias em relação ao uso da IA- Inteligência Artificial, exigindo também um “espectador-referencial” capaz de analisar o filme de acordo com suas leituras sobre a IA que, no referido filme, executa intervenções que em outros filmes são feitas pela pós-produção. Neste cenário, as citações sobre os estudos da pesquisadora Lucia Santaella sobre a IAM são de enorme valia, considerando seus pontos de vista imparciais, ambivalentes, analisando os dois lados da questão e trazendo resultados realmente importantes para as análises aqui conduzidas. Ainda em relação à IA, os estudos de Stuart Russell e Peter Orwig visam proporcionar uma visão complementar sobre a construção da Inteligência Artificial. Outros referenciais relevantes são de Maurice Halbwachs e Hans-Georg Gadamer, sobre memória, que é um tema extremamente importante para esta pesquisa. O espectador-repertorial deve conhecer a origem-fonte das imagens e suas trajetórias para chegar a uma compreensão completa, especialmente no Cluster 4, que se refere a informações implicitadas no filme *Megalópolis*, em sua homenagem a Jaime Lerner e à cidade de Curitiba. Voltando ao Cluster 1, que trata das máximas de René Descartes e Friedrich Nietzsche, deixo aqui minha conclusão, com a intervenção “**Penso, logo pesquiso**”, considerando a relevância do papel dos pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Denize Correa. **Imagens revisitadas: ensaios sobre a estética da hipervenção.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.

ARCHER, Renan Battisti e SCHLICHTA, Consuelo Alcioni. **L.H.O.O.Q.: o estatuto de arte explorado por Marcel Duchamp.** Art&Sensorium, Curitiba, v.3, n.2, Jul.-Dez. 2016. <https://periodicos.unesp.br/index.php/sensorium/article/view/1052/633>

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo.** Rio de Janeiro. Ed. 70, 1994.

BELLESA. Mauro. **A hipótese de Lucia Santaella sobre uma 7ª revolução cognitiva do ser humano.** IEA-USP – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. <http://www.iea.usp.br/noticias/neo-humano>;

GADAMER, Hans-Georg, **Truth and Method.** 2. ed. New York: The Continuum Publishing Company, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

ISLER, Tati. “Penso... logo desisto”. TI Comunicações. Disponível em <https://www.ticomunicacoes.com/blog/meditacao/penso-logo-desisto/> Acesso em 20 de fev. de 2025.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** 2. ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MACHADO, Danielle. **Lisa Kudrow Critica Uso de Inteligência Artificial em Filme de Hanks.** MaringáPR, 2024. <https://maringapr.com.br/lisa-kudrow-critica-uso-de-inteligencia-artificial-em-filme-de-hanks/>;

MERCADO FILHO, Alejandro Sigfrido. **6 curiosas versões alternativas do quadro da Mona Lisa.** MegaCurioso, 2022. <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/122107-6-curiosas-versoes-alternativas-do-quadro-da-mona-lisa.htm>;

MORAES, Érika de. **Mona Lisa: sentidos múltiplos de um sorriso enigmático.** Scielo, 2013. <https://www.scielo.br/j/delta/a/c6ZYGqbLmYzrjdmcqf7XxQK/>;

MOSER, Sandro. **Coppola diz ter se inspirado em Curitiba e Jaime Lerner para criar Megalopolis.** Fringe, 2024. <https://fringe.com.br/2024/10/28/megalopolis-francis-ford-coppola-jaimelerner-curitiba/>;

NEGÓCIOS, Redação Época. IA cria fotografia de Da Vinci e Mona Lisa nos anos 1500. ÉpocaNegócios.27/11/2023.<https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2023/11/ia-cria-fotografia-de-da-vinci-e-mona-lisa-nos-anos-1500.ghtml> Acesso em 20 de fev. de 2025.

NORA. Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, 1993.

PINTO, Flávio. Tom Hanks diz que pode atuar mesmo após morte, com inteligências artificiais. Omelete. 16/05/2023. <https://www.omelete.com.br/filmes/tom-hanks-inteligencias-artificiais-legado> Acesso em 20 de fev. de 2025.

RAMSEY, Amanda & GALLAGHER, Ryan. **Barbara Kruger's I shop therefore I am – What you should know.** 2024. <https://publicdelivery.org/barbara-kruger-i-shop/>

RUSSELL, Stuart & NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence: a modern approach.** New Jersey: Prentice Hall, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A IA generativa de imagens e a emergência de novas questões estéticas.** Revista Semeiosis, dez 2023, n.1, v.11 <https://semeiosis.com.br/issues?issue=o7wFgOjUOLh8woRzVWwD&article=eQuY8uMHUxQizAPpdhNX>;

\_\_\_\_\_. **A expansão artificial da inteligência humana.** Revista UFMG, 2023. <file:///C:/Users/User/Documents/a+expans%C3%A3o+artificial+da+intelig%C3%AA-AA-1.pdf>;

\_\_\_\_\_. **A IA veio para ficar, crescer e se multiplicar.** WordPress, 2018 <https://transobjeto.wordpress.com/2018/05/19/a-ia-veio-para-ficar-crescer-e-se-multiplicar>;

\_\_\_\_\_. **Neo-Humano-A 7ª Revolução Cognitiva do Sapiens.** São Paulo: Ed. Paulus, 2022. <https://www.paulus.com.br/portal/releases/neo-humano-a-setima-revolucao-cognitiva-do-sapiens/>;

SANTOS, Jefferson; BOA SORTE, Paulo; BARROS, Emanuelle. **Artificial intelligence in movies: the potential for critical linguistic education.** Journal of Research and Knowledge Spreading, 2022,. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks3114007>

SHOWBIZ, Bang. Tom Hanks defende uso da tecnologia de rejuvenescimento digital em *Aqui*. 15/01/2025. <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/tom-hanks-defende-uso-da-tecnologia-de-rejuvenescimento-digital-em-aqui/> Acesso em 20 de fev. de 2025.

## FILMOGRAFIA

*Aqui (Here)*. USA, Robert Zemeckis, 2024.

*Megalopolis*. USA, Francis Ford Coppola, 2024.